

Biblioteca Anarquista



Notas sobre o Anarquismo Insurrecionário

Sasha K



Sasha K

Notas sobre o Anarquismo Insurrecionário
2001

Killing King Abacus #2, tradução de
https://protopia.fandom.com/pt-br/wiki/Notas_sobre_o_Anarquismo_Insurr

bibliotecaanarquista.org

2001

O anarquismo insurrecional não é uma solução ideológica para todos os problemas sociais, um produto no mercado capitalista de ideologias e opiniões, mas uma prática contínua visando colocar um fim na dominação do estado e na continuação do capitalismo, o que requer análises e discussões para avançarmos. Não buscamos uma sociedade ideal, nem oferecemos uma imagem utópica para o consumo público. Através da história, a maioria dos anarquistas, têm sido anarquistas insurrecionais, exceto aqueles que acreditavam que a sociedade poderia se desenvolver ao ponto de o estado ser deixado para trás. De uma maneira mais simples, isto significa que o estado não vai meramente murchar até morte, portanto os anarquistas devem atacar para que o estado seja derrotado; o que é necessário é abrir a revolta e a propagação da subversão entre os explorados e os excluídos.

Neste texto abordaremos algumas implicações que nós e outros anarquistas insurrecionais temos traçado a partir deste problema em geral: se o estado não vai desaparecer por si próprio, como é que acabaremos com a sua existência? Isto é, portanto, primariamente uma prática, e enfoque na organização do ataque. Estas notas de maneira alguma é um produto final e fechado; esperamos que sejam uma parte de uma contínua discussão.

A maioria destas notas foram tiradas das antigas edições da revista *Insurrection* e panfletos da Elephant Editions.

*** 1 - O ESTADO NÃO VAI SIMPLESMENTE DESAPARECER: ATAQUE**

- O estado não vai "definhar até o fim", como parece ser o que muitos anarquistas tem vindo a acreditar - e não apenas defendido em posições abstratas de "espera", mas alguns abertamente condenando os atos daqueles para quem a criação de um mundo novo depende da destruição do velho. O ataque é a recusa da mediação, da pacificação, do sacrifício, da acomodação e da concessão.
- É através da ação e do aprender a agir, e não da propaganda, que nós iremos abrir caminho para a insurreição, apesar da propaganda ter um importante papel de guia em clarificar modos de agir. Esperar apenas ensina esperar; em ação aprende-se a agir.
- A força de uma insurreição é social, e não militar. A proporção de avaliar a importância de uma revolta generalizada não é o choque armado, mas no oposto da amplitude da paralisia da economia, da normalidade.

favorecerem o aceleração de elementos que levam ao processo insurrecional. De qualquer maneira, como explorados, somos a contradição fundamental do capitalismo. Portanto, qualquer momento é sempre o momento perfeito para a insurreição, precisamente por este motivo, podemos notar que a humanidade poderia ter acabado com a existência do estado em qualquer momento da história.

Uma ruptura na contínua reprodução deste sistema de exploração e opressão sempre é possível.

los em suas conclusões de ataque. Devemos também nos distanciar da imagem estereotipada das grandes lutas de massas e do conceito de um crescimento infinito de um movimento que esta para dominar e controlar tudo.

- A relação com a multidão de explorados e excluídos não pode ser estruturada como algo que deva resistir com o passar do tempo, ou seja, não deve se basear no crescimento sem fim e na resistência contra o ataque dos exploradores. Esta relação deve ter uma dimensão específica mais reduzida, uma relação que seja decididamente de ataque e não de defesa.

- Podemos construir nossa luta de tal maneira que as condições de revolta possam emergir e o conflito latente possa se desenvolver e se conduzir adiante. Desta maneira se estabelece um contato entre a minoria anarquista e a situação específica onde a luta pode ser desenvolvida.

*** 7 - O INDIVIDUAL E O SOCIAL: Individualismo e comunismo, um falso problema**

- Abraçamos o melhor do individualismo e o melhor do comunismo.

- A insurreição começa com o desejo dos indivíduos em romper com as circunstâncias coagidas e controladas, o desejo de reapropriar a capacidade de criar sua própria vida como acreditamos ser adequada. Isto requer que superem a separação entre eles e suas condições de existência.

Onde alguns poucos, privilegiados, controlem as condições de existência, não será possível para a maioria dos indivíduos decidir realmente sua existência baseados nas suas decisões. A individualidade só podera florescer quando o igual acesso as condições de existência seja uma realidade social. Esta igualdade de acesso é o comunismo; o que os indivíduos fazem com este acesso está limitado por eles mesmos e por aqueles que os rodeiam. De tal maneira que não exista igualdade ou identidade de indivíduos unerente a um real comunismo. O que nos força a buscar uma identidade ou a igualdade são os papéis sociais impostos pelo sistema atual. Não existe contradição entre individualidade e comunismo.

*** 8 - NÓS SOMOS OS EXPLORADOS, nós somos a contradição, não há tempo para esperar.**

- Certamente o capitalismo contém profundas contradições que o empurram em direção a processos de ajustamentos e evolução direcionados a evitar as crises periódicas que afligem o capital; mas não podemos permanecer passivos na espera dessas crises. Quando elas acontecerem elas serão bem-vindas se

*** 2 - AUTO-ATIVIDADE versus revolta controlada: da insurreição a revolução**

- Como anarquistas, a revolução é o nosso constante ponto de referência. Mas revolução não é um mito simplesmente para ser usado como um ponto de referência. Precisamente porque revolução é um evento concreto, que deve ser construído diariamente através dos muitos esforços modestos, o que não tem todas as características libertadoras de uma revolução social em seu real sentido. Estes numerosos esforços modestos são insurreições. Desta forma, as revoltas da maior parte dos explorados e excluídos da sociedade e as minorias sensibilizadas politicamente abre o caminho para um possível envolvimento de uma crescente diversificação das camadas de explorados gerando um fluxo de rebelião que pode levar a revolução.

- As lutas devem ser desenvolvidas, tanto em termos intermediários quanto a longo prazo. Estratégias claras são necessárias para possibilitar diferentes métodos a serem usados de um modo coordenado e frutífero.

- Ação autônoma: a auto-organização de uma luta significa que aqueles que lutam são autônomos em suas decisões e ações; isto é, o oposto de uma organização de sínteses, as quais sempre tentam tomar o controle da luta.

Lutas que são sintetizadas numa organização unificada são facilmente integradas a estrutura do poder da presente sociedade. Lutas auto-organizadas são por natureza incontroláveis quando são difundidas através do terreno social.

*** 3 - INCONTROLABILIDADE versus revolta conduzida ou controlada: a propagação do ataque**

- Nunca é possível ver a conseqüência de um determinado conflito em progresso. Mesmo um conflito pequeno pode ter as mais inesperadas conseqüências. A transição de varias insurreições - limitadas e restritas - para a revolução, nunca pode ser garantida de antemão em seu processo, por nenhum método.

- O que o sistema teme, não é atos de sabotagem por sí próprios, é como esses atos se propagam socialmente. Todo indivíduo proletariado que dispõe dos mais modestos meios pode desenvolver seus próprios objetivos, sozinho ou juntamente com outros. É materialmente impossível para o estado e o capital policiar os aparatos de controle que operam por todo o território social. Qualquer um que realmente queira contestar a rede de controle pode fazer sua própria contribuição teórica e prática. O

aparecimento da primeira corrente quebrada coincide com a propagação dos atos de sabotagem. As práticas anônimas da auto libertação social pode se espalhar por todo o campo, quebrando os códigos de prevenção colocados pelo poder.

- Pequenas ações, conseqüentemente, facilmente reproduzidas, requer meios não sofisticados que são acessíveis a todos, são pela sua grande simplicidade e espontaneidade, incontroláveis. Tais ações ridicularizam qualquer avançada tecnologia desenvolvida para a contra-insurgência.

*** 4 -CONFLITO PERMANENTE versus mediação com forças institucionais**

- A conflitualidade deve ser vista como um elemento permanente na luta contra o poder. Uma luta que carece deste elemento acaba nos empurrando para próximo da mediação com as instituições, acostumadas aos hábitos de delegar e acreditar numa ilusória emancipação via decreto parlamentar, ao ponto de participarem ativamente na exploração de nós mesmos.

- Talvez hajam razões individuais para se questionar sobre a tentativa de alcançar nossos objetivos por meios violentos. Mas quando a não violência vem a ser elevada ao nível de um princípio inviolável, e quando a realidade é dividida em "bons" e "maus", seus argumentos deixam de ter valor, e tudo é visto em termos de submissão e obediência. Os dirigentes do movimento anti-globalização, através do distanciamento e na denuncia de outros, tem deixado claro uma questão: que eles vem seus princípios - o qual se sentem obrigados - como uma justificativa de poder sobre o movimento como um todo.

*** 5 -ILEGALIDADE; insurreição não é meramente roubar bancos**

- O anarquismo insurrecional não é uma ética de sobrevivência: nós todos sobrevivemos de várias maneiras, frequentemente em acordos com o capital, dependendo de nossas posições sociais, nossos talentos e aptidões. Certamente não somos moralmente contra o uso de meios ilegais para nos libertar das correntes do escravismo assalariado afim de viver e conduzir nossos próprios projetos, contudo nós também não adoramos o ilegalismo ou o revertemos em algum tipo de religião com mártires; isto é apenas um meio, e muitas vezes útil.

*** 6 - ORGANIZAÇÃO INFORMAL; sem revolucionários ou ativistas profissionais, sem organizações permanentes.**

Dos partidos/sindicatos para a auto-organizações:

- Existe profundas diferenças no movimento revolucionário: a tendência anarquista em direção a qualidade da luta e da sua auto-organização e a tendência autoritária em direção a quantidade e a centralização.

- Organização é necessária para tarefas concretas: portanto somos contra partidos, sindicatos e organizações permanentes, tudo que sintetiza a luta e se torna um elemento de integração para o estado e o capital. Seus propósitos vem a ser a sua própria existência, no pior dos casos, primeiro constroem a organização, então procuram ou criam um luta. Nosso tarefa é agir; organização é um meio. Portanto somos contra a delegação de ações ou práticas para uma organização: precisamos generalizar ações que levam a insurreição, nada de lutas controladas. Organizações não devem servir para defender certos interesses, mas sim para atacar certos interesses.

- Organizações informais são baseadas num número de camaradas ligados por uma afinidade em comum; seu elemento propulsivo é sempre a ação. Quanto maior a amplitude e variações de problemas que tais camaradas vão enfrentar como um todo, maior a afinidade será. Isto resulta que a real organização, a efetiva capacidade de agir juntos, conhecendo onde achar um ao outro, o estudo e a análise de problemas juntos, e a passagem para a ação, tudo toma lugar em relação a afinidade estendida e em como não há nada a se fazer com progamas, plataformas, bandeiras ou partidos mais ou menos camuflados. A organização anarquista informal é portanto uma organização singular que se aglutina em torno de uma afinidade comum.

A minoria anarquista e os explorados e excluídos

- Nós somos os explorados e excluídos, e dessa maneira nossa tarefa é agir. Ainda que alguém critique que toda ação não é parte do amplo e visível movimento social, como "atividade em nome do proletariado". Seus conselhos são analisar e esperar, no lugar de atuar. Supostamente, nós não somos explorados juntamente com o explorados; nossos desejos, nossa raiva, e nossa fraqueza não são parte da luta de classes. Isto não é mais do que outra separação ideológica entre os explorados e os subversivos.

- A minoria anarquista ativa não é escrava dos números, mas continua atuando contra o poder mesmo quando o conflito de classes se encontra em menor escala entre os explorados da sociedade. A ação anarquista não deve conseqüentemente aspirar a organizar e defender o conjunto da classe explorada em uma ampla organização para cuidar da batalha do começo ao fim, mas deve identificar aspectos individuais da luta e considerá-